

Merlín e família: as intenções do mago Artur em Galiza

CAROLINE MOREIRA REIS

Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Este trabalho é fruto das nossas pesquisas no Mestrado em Literatura Portuguesa, na UERJ, Universidade do Estado do Rio de Janeiro e faz parte da dissertação que visa observar, por meio de análise comparativista, a permanência da temática artúrica na prosa galega contemporânea.

O que nos instigou inicialmente a fazer este trabalho é a ocorrência, a partir da segunda metade do século XX aos dias de hoje, de uma enormidade de lançamentos literários galegos –não só na prosa, mas também na poesia e no teatro– acerca de Camelot e seus personagens.

Ao observarmos tal fenômeno pensamos nos possíveis motivos e/ou razões para tal, ou seja, afinal, por que um tema historicamente tão distante de Galiza a afetaria tanto?

Assim, no intento de responder a essa questão, analisaremos um dos mais notáveis exemplos dessa tendência, a novela de Álvaro Cunqueiro, *Merlín e família*, publicada inicialmente em 1955. A escolha dessa obra se justifica também pela comemoração de seus cinquenta anos de publicação, comemorados no ano passado e festejado por todos os estudiosos da cultura galega.

Merlín e Família trata da história de um certo Felipe que em sua velhice narra alguns eventos de sua vida, afirmando ter sido serviçal de um certo Don Merlín, senhor muito estranho, uma espécie de curandeiro, casado com uma ex-rainha bretã, chamada Ginebra, e que vivia em Miranda, região pertencente à comarca de Lugo na Galiza.

Pela casa de Merlín transitam diversos tipos e situações que misturam personagens ficcionais, literários e lendários a uma típica família galega

Merlín e Familia é dividido em duas partes: Uma primeira, onde Felipe nos fala sobre a residência e os hóspedes de Don Merlín e uma segunda, onde são narradas histórias posteriores a saída de Felipe da casa do mago.

Na verdade, essa segunda parte, ainda é subdividida: há um capítulo onde Felipe narra histórias ouvidas e presenciadas em uma hospedaria de peregrinos e outro onde o narrador apresenta um conto que lera ainda na casa de Don Merlín.¹

Acreditamos que esse uso dos personagens artúricos são baseado no conhecimento universal de seus personagens. No entanto, as lendas arturianas, a chamada matéria da Bretanha, chegaram ao noroeste da Península Ibérica, através da versão galego-portuguesa da *Demanda do Santo Graal*, século XV.²

Assim sendo, embora não se aproprie diretamente da questão do Graal, *Merlín e familia* traz diversos personagens das novelas de cavalaria, e de outros gêneros, vivendo e convivendo na realidade *labrega* e misteriosa de Galiza.

No entanto, não é só esta obra que traz esses personagens de volta. Temos, só pra citar alguns *Percival e outras histórias* (1958) e *Amor de Artur* (1982) de Méndez Ferrín e *Galvan en Saor* (1989) de Darío Xohán Cabana. Contudo, a obra cunqueiriana parece-nos ser a mais antiga a fazer esse tipo associação e acabou por servir de inspiração para os seguintes, principalmente para Méndez Ferrín.

É claro que sendo a Idade Média um período áureo da história galega, não se faz à toa a retomada deste período na literatura galega contemporânea, no entanto, o que causa estranheza é que um dos temas mais recorrentes nessa retomada da Literatura Galega seja algo, teoricamente, tão distante da realidade desta nação como a matéria da Bretanha.³

Uma possível explicação para este fato é que, além de fonte para a arte no mundo inteiro, em Galiza, Artur e seus cavaleiros assumem uma posição de elementos culturais representativos de uma época e unem dois dos componentes mais marcantes da identidade galega: a já falada Idade Média e a Cultura Celta.

Compreende-se grosseiramente que o processo de globalização abriu espaço para um «afrouxamento» das culturas nacionais e locais, no entanto, segundo o sociólogo Stuart Hall

¹ Essa segunda parte foi inserida a partir da segunda edição, em 1968.

² Esta obra fazia parte de uma trilogia que também continha uma obra chamada *Joseph de Arimatéia* e *Merlín*, sendo que de ambos só se encontram fragmentos.

³ Por Matéria da Bretanha compreendemos as narrativas em torno do Rei Artur e sua corte, embora, como nos lembra Gutiérrez García, nos seus começos estas narrações abarcavam não só essas histórias, mas também «outras narracións que, como as de Tristán e Isolda ou as de María de Francia recreou nos seus *Lais*, estaban unidas póla súa procedência celta ou, como daquela se dicia, bretona». (Gutiérrez García, 2002: 11)

existem muitas tentativas para se reconstituírem identidades purificadas, para se restaurar a coesão, o «fechamento» e a tradição, frente ao hibridismo e á diversidade (Hall, 2002: 92).

No entanto, o que se vê hoje em dia é que este processo que deveria globalizar os hábitos e costumes, causou ironicamente uma busca pela identidade, baseada na memória coletiva e no senso comum de identidade, talvez ampliando o movimento do século XIX, com o Romantismo.

Compreendemos assim que um meio para se conseguir e, talvez, reconcentrar as identidades sociais é trazendo a tona o as lendas e mitos sobre a sociedade ou nação que assim o quiser.

Pensando nestes fatos e olhando para uma comunidade como a galega que passou por anos de dominação, percebemos que a influência da globalização ou mesmo da simples aproximação com uma temática universal, mas próxima em alguns aspectos, serve muito propriamente para legitimar a identidade até então negada.

Vejamus então, diante deste panorama, as «intenções» de Merlín, na Galiza.

Para facilitar a análise, dividimos as formas dos galegos se identificarem e legitimarem essa identidade através de três pontos que, de certa maneira, se tocam nas lendas artúricas e estão expressos em *Merlín e Família*: celtismo, o campesinato e a peregrinação.

A cultura de atribuir aos Celtas a origem da Galiza, iniciada no século XIX, por vários autores, entre os quais Eduardo Pondal, baseada essencialmente na lenda de Breogan.

Ao transformar Merlín em um senhor galego teoricamente, Cunqueiro tirar-lhe-ia a aura celta, porém, ao escolher este personagem e não outro do grupo de Artur, o autor apela para uma figura que é uma das três constituintes da cultura celta: o druida.

Como sabemos, segundo Julio César, em um dos relatos mais antigos sobre os celtas, os druidas são aqueles

que entendem nas coisas sagradas, curam dos sacrifícios públicos e particulares, e explicam as doutrinas e cerimônias da religião: a eles acodem grande número de adolescentes com o fim de instruir-se, e esses são tidos em muita estima (César, s/d: 120).

Ora, através deste trecho vemos que o Merlín de Miranda se enquadra em quase todas estas definições. É ele que oferece cura, explica doutrinas e, logicamente, ao acolher Felipe, acode a um adolescente que vai a ele com intenção de aprender.

Ou seja, tal como no período celta, o Merlín de Cunqueiro assume as funções de um druida para com os de sua «família».

É inclusive o termo «família» extremamente importante, pois a família de Merlín assemelha-se mais a um *túath* celta do que a uma instituição familiar propriamente. Sabemos que *Túatho*:

é uma palavra que originalmente significa «povo», mas que, entretanto, adquirira um sentido territorial. O *túath* era muito reduzido em pessoas e áreas, e normalmente confinado numa região com limites topográficos naturais (Powell, 1974: 77).

Ao observarmos atentamente, a família de Merlín vemos que ela não é exatamente uma família. Falta-lhe, por exemplo, os filhos, que caracterizariam claramente os viventes daquela casa como tal. Além do mais, apesar de viverem sob o mesmo teto, o casal Ginebra e Merlin parece distante. A ocupação de ambos, principalmente de Merlín, é cuidar de outros personagens, como se fossem responsáveis por cuidar de um grupo. Ou seja, os dois personagens não cuidam de filhos, mas sim, cuidam de personagens, cuidam dos de sua *espécie*, ou seja, a família de *personagens*, a qual pertence Merlín.

O interessante é que estes personagens algumas vezes são folclóricos, históricos, mitológicos ou literários, indo de Édipo ao próprio Julio César. Estes reunidos apenas pela narrativa de Felipe que, como ele mesmo afirma, podem ser apenas frutos de sua memória defasada.

Sendo assim, o título da obra de Cunqueiro cria uma *tuath* com Merlín e os de sua espécie, ou seja, personagens factuais ou não, presentes na memória coletiva e transformados em «família» pela narrativa de Felipe.

A este conceito de celtismo é que vai se acrescentar outro: o do campesinato. Todos percebemos ao ler *Merlín e família* que Cunqueiro transforma os personagens Britânicos em camponeses galegos, mas é importante ressaltar que isto também se deve as características celtas, pois, como sabemos, este povo acreditava que seus poderes mágicos –e logo o poder de um druida como Merlín– provinha da simplicidade e da natureza.

Um outro aspecto a ser notado na obra são os temas da viagem e da peregrinação. Estes são recorrentes na Literatura Galega e somos geralmente levados a crer que esta se deve ao misticismo da peregrinação a Santiago de Compostela.

No entanto, esta não é a única razão para tal. Como bem afirma a professora Beatriz Gradaille Martínez, a figura do emigrante faz «parte do imaginário coletivo do povo galego» (Gradaille Martínez, 2004: 19).

O que ocorre é que, além de anfitriões de peregrinos de diversas nacionalidades, os galegos, por diversas questões históricas, sociais e econômicas foram obrigados a migrar para diversas partes da Espanha e de outros países.

É também interessante ressaltar que em *Merlín e familia* há uma falta de comprometimento temporal que permita sabermos a época em que viveu o narrador Felipe. A maioria das marcas temporais se dá pela ação do calendário religioso, como acontece em a *Demanda do Santo Graal* e nas outras obras medievais que tratam da Matéria da Bretanha. Contudo, não sabemos a época histórica com a qual estamos lidando, seguramente o período medieval não é o retratado.

Um dos motivos para não sabermos exatamente em que período da historia estamos é justamente um trecho onde Don Felices cita a existência da América, vista na farinha por Merlín: «xentes que van na América, amores de viudas e mortes violentas» (Cunqueiro, 2003: 54), é claro que pode ser uma previsão do mago em relação a um futuro. A previsão faz menção a imigração galega, nos fins do século XIX e início dos XX, em um trecho que remete aos versos da poetisa maior de Galiza, Rosalía de Castro e sua «Viudas dos vivos e viudas dos mortos» presente no seu último livro em galego *Follas Novas*.⁴

Além disso, em determinado ponto, aparece a preparação para o San Xohan, quando o personagem Elimas diz a Felipe que «non fora por teu amo, estaba agora chegando a Roma ou á China, ou á Habana, onde teño un medio parrafeo.» (Cunqueiro, 2003: 46). Ora, a disponibilidade para esses lugares seria impossível na Idade Média.

Além da falta de marcas temporais, o que gostaríamos de mostrar com esses trechos é menção feita aos caminhos tomados pelos galegos durante sua história. Ou seja, a marca da viagem também está presente na obra.

Mas, ao invés de peregrino em busca de aventuras, Merlín recebe as aventuras em Galiza. Merlín é um anfitrião de «peregrinos» que chegam a casa em busca de curas, conselhos, consolo e etc. O que seria facilmente identificável nas motivações de qualquer peregrino. Vemos assim um reflexo da Cidade de Santiago de Compostela na casa de Don Merlín.⁵

Na segunda parte do romance, Felipe narra suas aventuras fora da casa de Merlín, e no capítulo chamado «Aquel camiño era un vello mendiño», ele descreve um hotel de peregrinos do Caminho de Santiago, chamado de Termar:

Termar foi hospital de peleriños pirmeiro, ó cuido dos señores monxes bernados da veciña abadia, cujas armas ten aínda, arrodoadas de vieiras, no cumio do portalón (Cunqueiro, 2003: 102).

⁴ Toda América recebeu imigrantes galegos durante tal período, no entanto, os maiores focos foram Buenos Aires e Havana.

⁵ Em apenas um dos capítulos, Merlín sai de sua casa, é justamente no último se sua parte, «O viaxe a Pacio», onde o mago sai com Felipe para expulsar um demônio.

O «hospital de pelerifeiros» é uma imagem recorrente em toda a Galiza e que reafirma esta nação como hospitaleira. O próprio nome da hospedaria nos remete para um espaço de viagem, pois é a junção das palavras Terra e Mar.

Dentro deste surgem histórias do Caminho e das motivações que fizeram os peregrinos irem a Galiza. Ali também surgem histórias sobre o exílio dos galegos, como por exemplo, na história do «Hugonote de Riol», onde conhecemos o conto sobre um tal Jovito Bejarano:

Estaba entón, e por razóns de política, acollido aos teitos de Meira un tal salmantino chamado don Jovito Bejarano que fora guerrilleiro con don Julián el Charro (Cunqueiro, 2003: 113).

Embora as «razões políticas» sejam diferentes das dos galegos que vieram a América, a simples citação nos lembra o fato. O que é reforçado pelas citações anteriores ainda na casa de Merlín.

Contudo, possivelmente o trecho mais luminoso dessa parte é aquela onde Felipe divaga sobre a viagem e o viajante.

Os camiños son semellantes a sucros, i eisí coma as leiras dan o pan, os camiños dan as xentes, as pousadas as falas, os países. Séntase un a colleitar a beira do camiño, ou viaxa por il. Iste camiño do que hoxe conto aparéceseme coma un vello mendiño, aínda que cada pasaxeiro que pise o renova, e o suscita na rota e poeirenta vía a mocidade pirmeira (Cunqueiro, 2003: 101).

Vemos então que para Felipe os caminhos, por serem personagens novos, são renovados, assim as histórias e possibilidades provindas das viagens são infindáveis.

Assim, tanto na casa de Merlín, quanto as aventuras fora da mesma que a figura de Felipe enfoca é a do anfitrião, ou seja, através da figura Felipe, procura-se narrar a hospitalidade galega.

Ao recolher personagens do imaginário medieval (mesmo que deslocados temporalmente) aproxima-se também a glória do período medieval, mas especificamente da Era Compostelana, no século XII, período áureo da peregrinação a Santiago.

Diante de uma obra tão significativa para a Literatura galega –ao mesmo tempo que interessante e complexa– a única coisa que podemos afirmar é que, mesmo com o passar dos anos, os personagens artúricos ainda são fonte inesgotável para a arte. Além disso, para Galiza, os personagens do Rei são mais do que isso. Eles são os elementos culturais que une dois dos componentes mais marcantes da identidade galega: a Idade Média e a cultura celta, unindo-se na obra de Cunqueiro a um terceiro elemento constituinte desta identidade: o campesinato.

Não há, então, como negar a influência do medievo na memória galega. Mais do que representar um período histórico, a Idade Média constitui para Galiza um momento de plenitude nacional.

É claro que sempre vemos representações (e reapresentações) da Idade Média em outras literaturas dela herdeiras. Artur é personagem em diversas histórias do mundo inteiro.

No entanto, pelo que representa historicamente, para o povo galego fica mais evidente em sua literatura, que ainda é um modo –ou o principal modo– de resistência cultural de sua língua frente ao castelhano.

Temos certeza de que esse desejo de autonomia cultural da «Nação de Breogán» só persistiu, mesmo depois de tantos anos de impedimentos, graças à riqueza memorialística deste povo, como bem demonstra Cunqueiro. Afinal, a memória popular ocidental foi também o suporte para sobrevivência até nossa era da imagem da Corte de Camelot.

Portanto, nenhum grupo de personagens pode ser maior e mais representativo do povo galego do que os de Artur, assim como nenhum outro mito confundir-se-ia tão bem com a história de luta pela memória e identidade na Galiza.

Deste modo, ao se estabelecer como um campesino galego, Merlín só tinha a intenção de universalizar Galiza, ao mesmo tempo em que procura demonstrar que todo o universo está em Galiza.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Nunes, I. F. (ed.) (2005): *A demanda do Santo Graal*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.
- Cunqueiro, A. (2003): *Merlín e familia*. Vigo: Galaxia.
- Césa, J. (s.d): *Comentários sobre a Guerra Gálica. (De Bello Gallico)*. São Paulo: Ediouro.
- Gradaílle Martínez, B. (2004): *Um mar no meio: A(s) Identidade(s) construída(s) no Discurso de Imigrantes Galegos no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: H.P. Comunicação.
- Gutiérrez García, S. (2002): *Orixes da Materia da Bretaña. A Historia Renum Britannie e o pensamento europeu do século XII*. Santiago de Compostela: Centro Ramón Piñeiro para Investigación en Humanidades.

Gutiérrez Izquierdo, R. (2000): *Lectura de nós. Introducción á literatura galega*. Vigo: Xerais.

Hall, S. (2003): *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A.

Powell, T.G.E. (1974): *Os celtas*. Lisboa: Verbo.